

Informação localizada: Mapear para informar; Mapear para socializar; Mapear para integrar.¹

Aparecido Antonio dos Santos Coelho²

Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo

Resumo

O mundo está mais mapeado. Os mapas são as nossas bússolas. Elas nos guiam, nos dão horizontes e caminhos mais fáceis para se chegar ao objetivo pretendido. Agora, cada vez mais, o jornalismo se apropria de técnicas de mapeamento para dar mais informação e prestação de serviço para a sociedade contemporânea. Neste artigo, o autor traz alguns exemplos sobre como os mapas podem melhorar os processos de comunicação e como que o jornalismo pode ficar mais completo com a visualização de dados para que novas histórias e fatos podem ser mensurados e expostos para a população. De uma informação de trânsito até a indicação ao serviço público sobre onde há problemas de infraestrutura, como por exemplo um buraco no asfalto. Trazendo um aprimoramento e a melhor qualidade na produção de conteúdo.

Palavras-chave: Hiperlocal; Dados; Jornalismo; Mapeamento; Tecnologia.

O mundo enfim está mapeado? Não necessariamente... Temos mapas de todos os tipos e tecnologias. Desde o tempo das grandes navegações, até o auge da internet, são os mapas que literalmente abraçam o mundo, não nos deixam perdidos.

Neste capítulo vou colocar algumas palavras sobre georreferenciamento, um baita palavrão, mas, ele está em evidência nas redes sociais e na web. Hoje temos dados em todos os tipos e formatos, como texto, imagem, vídeo, áudio.

Com isso, temos a comunicação por imagem, onde a sua interpretação permite ao ser humano imaginar, para fazer várias interpretações de um mundo exposto a ele. As imagens dão uma nova dimensão informacional e de conhecimento.

1

Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Modelos de Negócio em Jornalismo na Cultura Digital, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

2

Jornalista e sociólogo. Especialista em Mídias Digitais. Mestrando em Comunicação e Tecnologia pela Universidade Metodista de São Paulo (PósCom). Membro-pesquisador do Teccog - Grupo de Pesquisa Tecnologia, Comunicação e Ciência Cognitiva. E-mail: cidocoelho@gmail.com.

Em todas as imagens técnicas observamos que são pontos computados. A fim de vermos isto, é preciso observar tais imagens. Sob olhar superficial, as imagens técnicas parecem planos, mas se dissolvem, deixam de ser imagens quando observadas (FLUSSER, 2008, p. 51).

Ainda na obra *O Universo das Imagens Técnicas*, de Vilém Flusser, posso destacar que uma imagem tem um avanço maior no poder de interpretação e transmissão de conteúdo do que um texto ou áudio. Ou seja, o mapa é uma imagem que pode ser interpretada e pode dar com detalhes e aprofundamento uma determinada informação para que ela seja aproveitada e articulada para a demanda específica. É questão de pegar o cenário do momento.

A definição visa captar a situação na qual estamos; captar o clima espectral do nosso mundo; mostrar como tendemos atualmente a desprezar toda ‘explicação profunda’ e a preferir ‘superficialidade empolgante’; mostrar o quanto critérios históricos do tipo ‘verdadeiro e falso’, ‘dado e feito’, ‘autêntico e artificial’, ‘real e aparente’, não se aplicam mais ao nosso mundo. Em suma: a definição de imaginar foi formulada para articular a renovação epistemológica, ético-política e estética pela qual estamos passando. Para articular a nova sensação vital emergente (FLUSSER, 2008, p. 51).

Tudo isso compartilhado, postado, republicado, reeditado e até memetizado³ inúmeras vezes por dia ao redor do mundo. Porém, como usar mapas para dar uma informação? Como dividir os dados para todos e como compartilhar o conhecimento com coerência? O mapeamento de regiões e informações traz ao consumidor de conteúdo novos detalhes e conhecimento sobre determinado assunto. Além disso, o leitor pode se tornar atuante nesta atualização de dados. Os dados do mapeamento podem ser usados para denúncias e para apontar problemas de políticas públicas. Por isso, vamos olhar para o passado para (re) pensar o presente.

Inglaterra, Londres, século XIX. A capital da monarquia vitoriana, com um pouco mais de 2,5 milhões de habitantes sofreu um surto de cólera. Há uma estimativa de que 62 mil vidas foram perdidas, entre 1848 e 1849, no primeiro surto e entre 1853 e 1854, mais de 31 mil vidas foram perdidas na nova crise. A cidade não tinha

3

Da palavra *meme*. Conjunto de fórmulas ou produtos culturais que, após transmitidos, proliferam de maneira autônoma, sem controle por parte das mentes receptoras, à imagem de um vírus. O autor Richard Dawkins explica em sua obra *O gene egoísta* que o propósito é exemplificar como o processo de replicação, que caracteriza a vida como um todo, estava presente nas formas culturais.

infraestrutura adequada para saneamento básico. Para ter uma ideia, os detritos humanos, como fezes e urina eram despejados nas ruas ou em fossas sem cerimônia.

Não é difícil imaginar isso... Na época existiam trabalhadores que literalmente faziam o serviço sujo, como os catadores de fezes, de ossos e detritos. Simples assim. A área mais atingida foi a decadente região de Soho, onde o foco do problema era a Berwick St. e Broad St. (após 1936 foi denominada Broadwick St). De acordo com o livro "O mapa fantasma: como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles", de Steven Johnson (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 271 p.), Soho é uma ilha de pobreza proletária e de indústrias fétidas, encravada no próspero West End, rodeada pelas formosas casas de Mayfair e Kensington.

A metrópole inglesa viveu um conflito de pensamento sobre as causas da cólera e o que seria necessário para fazer o combate dessa moléstia. De um lado, a teoria miasmática de Edwin Chadwick, do Comitê Geral de Saúde Pública. Para ele, respirar o ar mau cheiroso poderia transmitir a doença. O cheiro ruim poderia contaminar qualquer um. Do outro lado, a teoria da transmissão da cólera pela água, de John Snow, médico anestesiologista estabelecido no Soho e que posteriormente tornou-se cirurgião da rainha Vitória. Para Snow chegar a conclusão de que a água era o principal vetor de transmissão, ele concebeu um mapa para levantar onde havia o maior número de mortos. Na casa que ocorria a morte de um morador devido a doença, era feita uma marcação, um traço e uma investigação sobre os hábitos dos moradores. Cada marca era uma morte registrada.

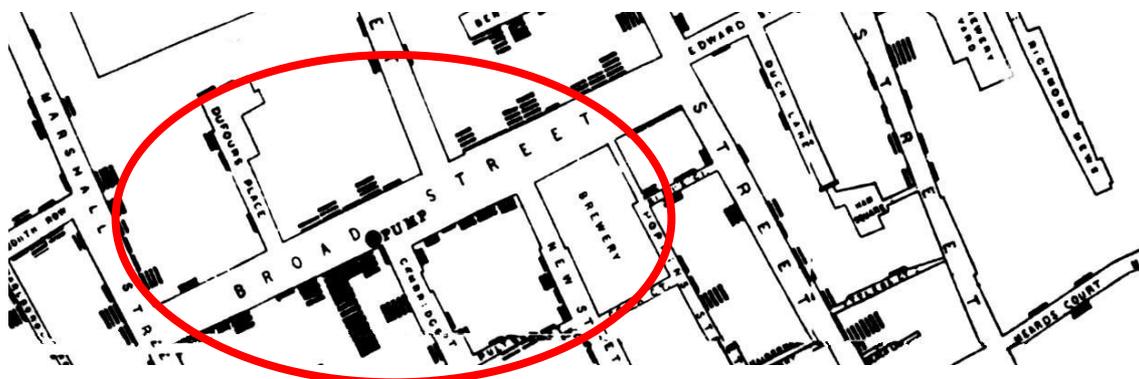


Figura 1: Mapa de Snow com a localização da bomba de água (Pump) com o foco da doença. O poço foi contaminado por uma fossa com excrementos de infectados por cólera.

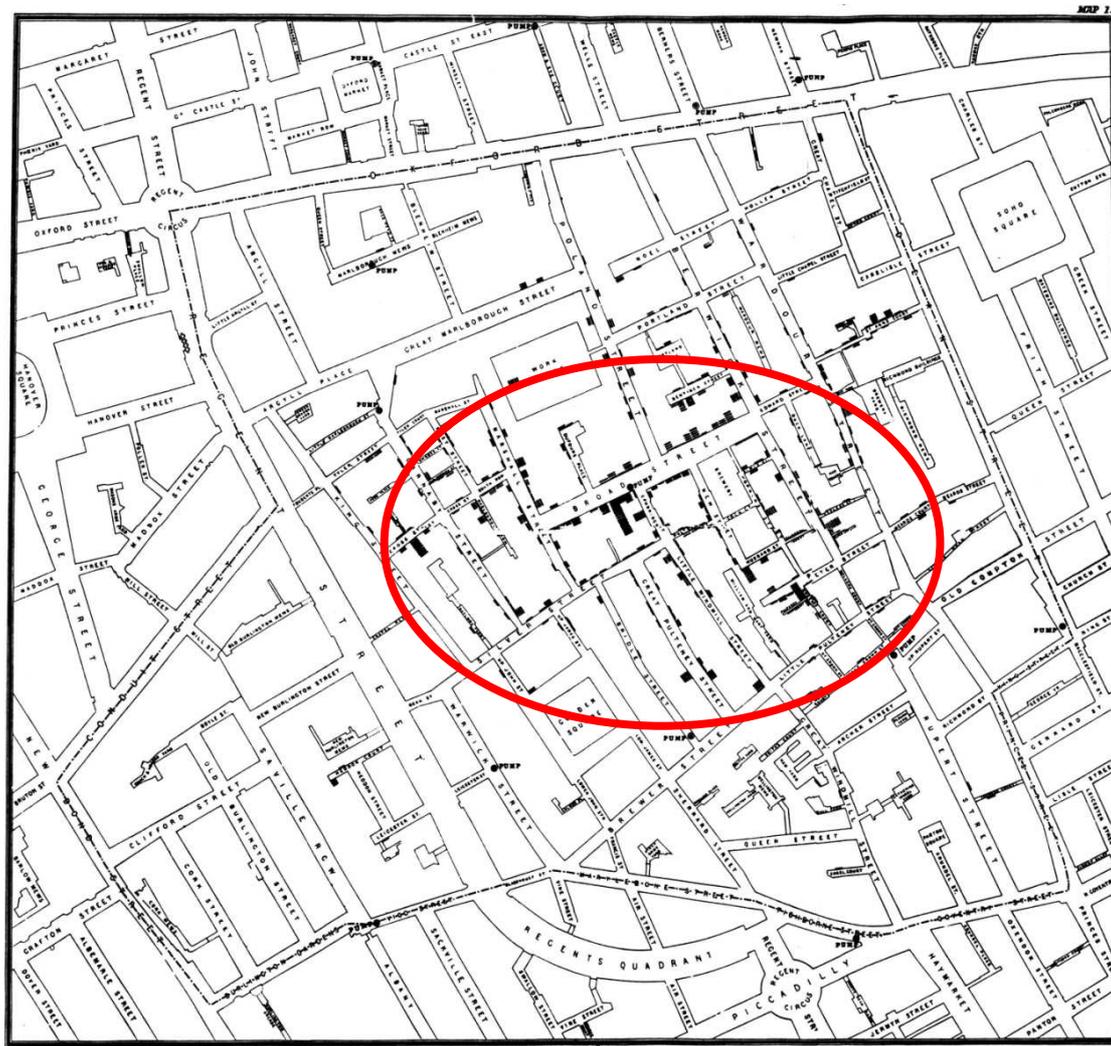


Figura 2: Mapa completo de John Snow: por meio do mapa ele conseguiu descobrir a origem do vetor da cólera. O mapa apontou a localização da maioria das mortes.

Durante o mapeamento, o pastor da comunidade, Henry Whitehead, visitava os moradores e levantava cada história de vida e suas condições de moradia naquela região. A cada visita ele levanta os seguintes dados: nome; idade; posição dos quartos ocupados; instalações sanitárias; água consumida em relação à bomba de Broad Street; e a hora do começo do ataque fatal. A partir deste mapa e dos depoimentos levantados por Whitehead, Snow percebeu a concentração de casos até chegar ao problema que era realmente a bomba de água localizada na Broad Street, na esquina com a Cambridge Street. Os frequentadores que consumiam a água daquela bomba consideravam o líquido com bom paladar e limpa. A bomba foi lacrada em meio aos protestos. Quando foram feitas escavações, foi constatado que o poço foi contaminado

por uma fossa onde era lançado os excrementos das pessoas com cólera. Com o mapa de mortos, Snow levantou um outro mapa com a circulação dos vivos na bomba da Broad Street e de outras três bombas que atendiam a região. Foi a partir deste mapa que os casos da doença tiveram registro e controle epidemiológico.

“[...] o mapa era um brilhante trabalho de informação e de epidemiologia. E também a representação de certo tipo de comunidade, representando as vidas densamente interligadas de um bairro metropolitano [...]” (HERCULANO, 2010 apud JOHNSON, 2008, p. 181).

Em 1865, foi construído um sistema de esgoto e elevatórias para o Tâmbisa, porém, o sistema não funcionou corretamente, mais mortes foram registradas, depois desse novo massacre provocado pela cólera, a teoria de John Snow foi considerada pelos especialistas médicos de Londres. Este trabalho fez com que Snow se tornasse um dos pais da epidemiologia moderna. Em 1992, no local próximo a antiga bomba, foi construída uma réplica da bomba problemática e um memorial ao médico.



Figura 3: Réplica da bomba problemática, próximo ao local da antiga bomba. Foto: Wikimedia Commons

Este mapa de saúde pública pode ser utilizado nos dias atuais. Se naquela época, um

trabalho feito a quatro braços, batendo perna, de porta em porta, corpo-a-corpo, pelo médico e pelo pastor foi possível salvar milhares de vidas e modificar radicalmente a rotina de uma metrópole, imagina o que podemos fazer nos dias atuais com ferramentas de web e de redes sociais, usando apenas um computador e algumas tecnologias? As ferramentas citadas são apenas uma pequena fração de alguns meios que de maneira geral afetam a relação entre jornalismo e leitor. Sendo assim, o jornalismo também começou a buscar novas formas de transmitir a informação, fugindo do tradicional artigo, áudio e imagem, que com a chegada da web, se tornaram um complemento informacional (SQUIRRA, 2012, p. 107).

Vou apontar dois exemplos sobre como é possível usar os mapas para políticas públicas voltada para toda a sociedade, onde todos participam. Eu, você, jornalistas, moradores e até autoridades podem entrar neste ciclo de informação. Todo mundo sai ganhando.



The image shows a screenshot of the website amazônia.vc. On the left, there is a sidebar with navigation links like 'Primeira Página', 'Notícias', and 'Vídeos'. The main content area features a news article titled 'Comissão discute criação do 'Incrá da Amazônia'' with a sub-headline 'Governadores da região e ministros debatem proposta de Mangabeira Unger.' Below this, another article is visible: 'Amazônia não pode ser planejada por 'palpiteiros', diz Messias'. On the right side of the page, there is an interactive map titled 'amazônia.vc' showing the Amazon region. The map has filters for 'queimadas' (fires) and 'desmatamento' (deforestation). A pop-up window over Rondônia states 'Grupo de queimadas' and 'Nesta área: 8 focos'. At the bottom of the map interface, there is a call to action: 'participe!' and 'Saiba mais.'

Figura 4: Capa do portal Globo Amazônia. Projeto de mapeamento da Floresta Amazônica.

Começo pelo projeto Globo Amazônia, desenvolvido pelo jornalista Eduardo Acquarone. A ideia surgiu em 2007, durante a produção de uma reportagem para o programa jornalístico semanal Fantástico (TV Globo), em que fosse necessário

contestar o desmatamento negado pelos donos de terra e madeireiros da região Norte do Brasil. O trabalho contou com a parceria do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), que forneceu o apoio logístico, liberando os dados dos seus sobrevoos diários que eles fazem na região. Por meio destes voos, o INPE capta as fotos de áreas em um trabalho de campo para levantar e acompanhar o nível de desmatamento e queimadas da área.

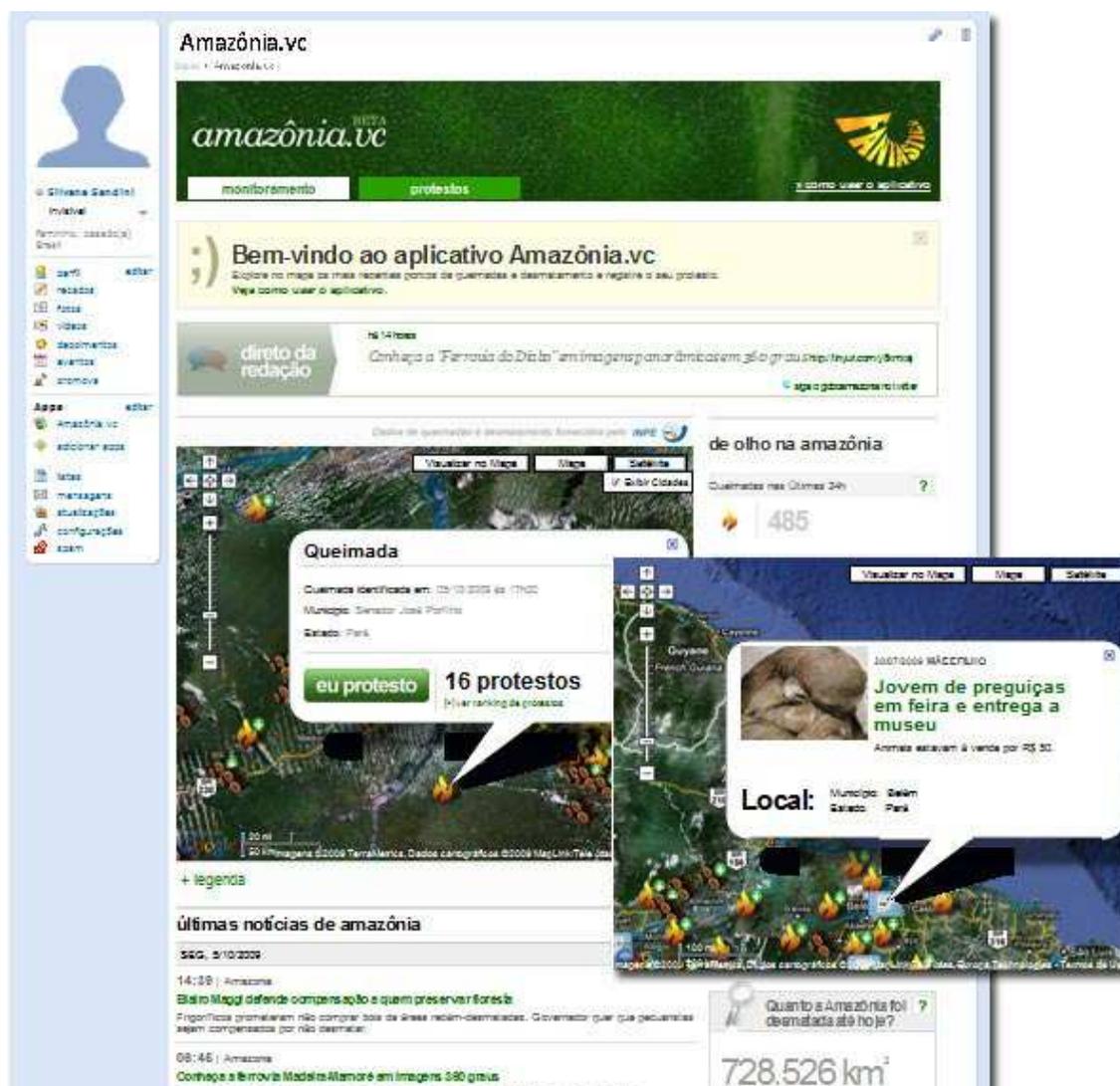


Figura 5: O projeto Globo Amazônia trouxe o mapeamento de dados e a interatividade para as redes sociais, como o Orkut, do Google.

O site do projeto tem um mapa que foi montado sobre uma página do Google Maps, com os dados do INPE, onde o usuário de internet pode apontar onde ocorrem as queimadas e até mesmo protestar. O protesto era possível via aplicativo

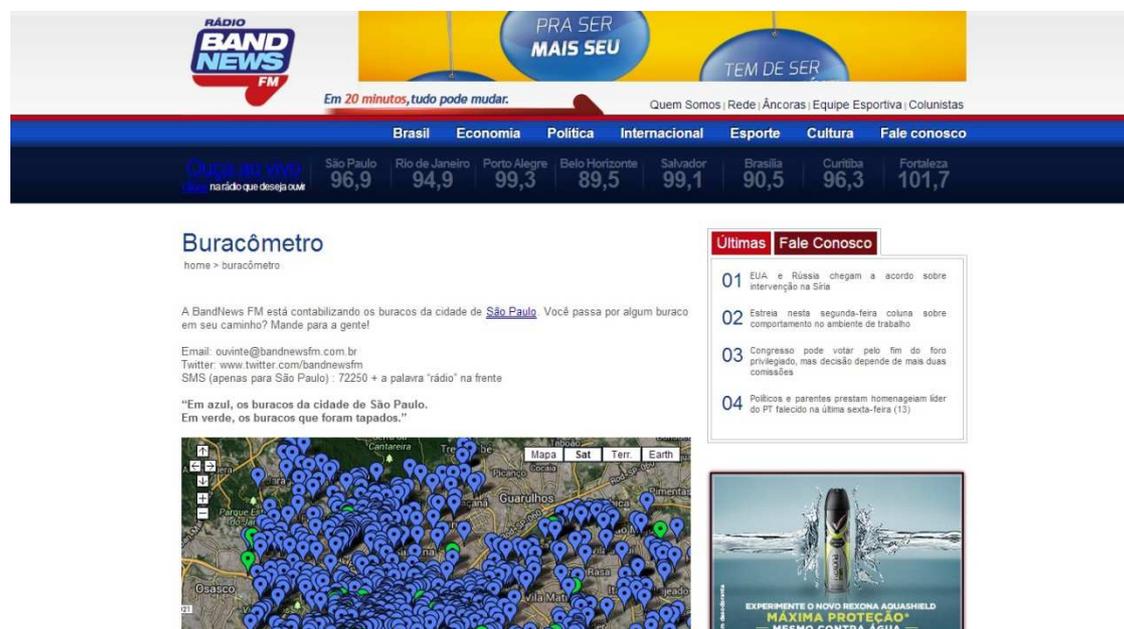
Amazônia.vc, disponível no site ou por meio da rede social que tinha mais audiência e usuários no Brasil, o Orkut, do Google. Com isso, os usuários também passaram a monitorar o desmatamento e as queimadas da Amazônia em tempo real dentro do site do Fantástico, e depois em um canal de informações sobre meio ambiente. O resultado foi positivo. Até 2012, mais de 600 mil pessoas participaram, com o registro de 55 milhões de protestos e a produção de 1.700 reportagens nos formatos web e TV pelo núcleo informativo. O caso teve repercussão nacional e internacional. Em 2009, a Comissão Europeia convidou por duas vezes a equipe desenvolvedora a participar do Simpósio Internacional sobre o mapeamento digital da Terra, na Itália e da 15ª Conferência Mundial do Clima, na Dinamarca. O projeto foi finalista na categoria não-ficção do Digital Emmy em 2011, na categoria de narrativas digitais. Várias autoridades e personalidades reconheceram a funcionalidade do projeto. Isso mostra como que o jornalista torna-se um estrategista em mídias digitais. Ele se depara com a obrigação de experimentar novas tecnologias para poder contar uma história e produzir o conteúdo para acompanhar a dinâmica da tecnologia e da sociedade. As tecnologias e os novos dispositivos mudaram os hábitos, que agora são voltados para o consumo da informação. O modelo clássico de produção de conteúdo não atende a demanda como antes. Sendo assim, este profissional ampliou seu papel central de emissor e gestor da informação diante de uma nova cultura e um mundo de dispositivos e novos hábitos de consumo de conteúdo e conhecimento (SQUIRRA, 2012, p. 108).

Por meio das redes sociais, combinado com o trabalho do jornalismo e o envolvimento da audiência foi possível que todos monitorassem a floresta amazônica brasileira. Proporcionou uma grande conscientização nacional e reconhecimento internacional com o tema meio ambiente. Esta é mais uma ação em que o cidadão pode participar com informações junto ao trabalho profissional do jornalista para que a amplie o senso de realidade. O leitor torna-se um dos personagens principais na propagação do conteúdo, tornando-se linha auxiliar na produção de informação e prestação de serviço para a própria sociedade.

A ideia de fazer de cada cidadão um repórter foi adotada em inúmeras partes do mundo, despertando no público um olhar seletivo diante da realidade. Essa consciência de registrar fatos e de submeter esse material aos canais de conteúdo colaborativo de sites jornalísticos foi

amadurecida com a popularização das iniciativas dos veículos em tornarem-se abertos às contribuições do público (BRAMBILLA, 2011, p.98)

Outro exemplo, mais recente, que envolve o uso de mapas e redes sociais é o Buracômetro, da rádio BandNews FM. O projeto surgiu da reclamação de muitos ouvintes sobre a qualidade do asfalto da cidade de São Paulo. Muitos ouvintes falavam das condições de tráfego e comentavam sobre os buracos na cidade. Então, a rádio criou um serviço, por meio de um levantamento do número de buracos na cidade. O mapeamento é simples. Um mapa do Google é disponibilizado e quem quiser registrar o local do buraco envia uma mensagem por e-mail, Twitter ou SMS para a redação. No entanto, o serviço está disponível apenas na capital paulista. A redação faz o mapeamento e aponta com ‘alfinetes virtuais’ o local dos buracos da cidade. Além disso, estão mapeados os buracos que já foram consertados. Até abril de 2013, mais de 1.000 buracos foram apontados pela audiência da rádio. Em uma entrevista na própria BandNews FM o prefeito Fernando Haddad disse que utilizaria o mapa criado para localizar e consertar os buracos.⁴



Cidade	Porcentagem
São Paulo	96,9
Rio de Janeiro	94,9
Porto Alegre	99,3
Belo Horizonte	89,5
Salvador	99,1
Brasília	90,5
Curitiba	96,3
Fortaleza	101,7

Figura 6: Buracômetro da BandNews FM.

4

BandNews FM. Ouça a sonora do prefeito na rádio BandNews FM. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/s70pk4i6az2h/ouca-a-sonora-do-prefeito-na-bandnews-fm-0402CD9A3666C4A14326?types=A&>>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

Conclusão

O mapeamento via redes sociais nos traz oportunidades de dar transparências na propagação de informações, interação entre produtor de conteúdo e a audiência. Ao mesmo tempo, todos viram fiscais da cidade. As redes sociais tornam-se amplificadores de comunicação dos problemas da cidade. Agora, o político não tem mais desculpas de que não recebeu a informação. Pois, os mapas estão disponíveis para todos.

O Jornalismo Cívico ou Público é considerado uma solução para inserir os leitores/ouvintes/telespectadores na cadeia de decisão dos processos de produção de conteúdo jornalístico praticado nas últimas décadas. Contudo, o Jornalismo Cidadão possui uma diferença fundamental, em relação ao Jornalismo Cívico ou Público, pois é elaborado, essencialmente, por não-jornalistas formados, ou seja, por pessoas sem treinamento específico em Jornalismo, mas que possuem outra formação profissional ou educacional. Ele é realizado de maneira não-remunerada de forma ‘amadorística’. (LIMA JR, 2012, p.123).

Basta ter um computador conectado à internet, com dados abertos que a informação está pronta para ser recebida. Com o avanço da tecnologia e a maior participação da sociedade na produção do conteúdo, combinado com informações do poder público, o mapa com dados torna-se um grande avanço para trazer informações relevantes para o cotidiano de uma cidade e até mesmo de um país.

As plataformas públicas e de Open Data podem e devem ser aproveitadas por especialistas em programação e jornalismo, com a tarefa de utilizar as informações obtidas de forma profissional e relevante socialmente. A transparência proporcionada por uma política de acesso livre possibilita ao profissional de jornalismo multidisciplinar obter importantes informações escondidas nas bases de dados públicas ou abertas (LIMA JÚNIOR, p.63, 2011).

Sendo um cidadão mais participativo, ele amplia o seu papel fiscalizador, onde por meio da transparência da web e dos dados mapeados é possível escancarar os problemas de uma comunidade para assim o poder público ter mais agilidade para solucionar as questões mais relevantes para as pessoas e assim a sociedade se auto-governar para uma vida cada vez melhor e menos desigual.

Referências

BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as Mídias Sociais**. Volume 1. São Paulo: 2011.

COELHO, Aparecido Antonio dos Santos. **Dados convergentes**: Uma nova forma de interpretação e propagação de conteúdo jornalístico. São Paulo: 2013.

BANDNEWS FM. **Buracômetro**. Disponível em <<http://bandnewsfm.band.uol.com.br/buracometro.aspx>>. Acesso em 09 de outubro de 2014.

BANDNEWS FM. **Ouca a sonora do prefeito na BandNews FM**. <<http://mais.uol.com.br/view/s70pk4i6az2h/ouca-a-sonora-do-prefeito-na-bandnews-fm-0402CD9A3666C4A14326>> Acesso em 20 de outubro de 2014.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DEPARTMENT OF EPIDEMIOLOGY. University of California, Los Angeles (UCLA). School of Public Health. **John Snow**. Disponível em <<http://www.ph.ucla.edu/epi/snow.html>>. Acesso em 10 de outubro de 2014.

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**. Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume Editora, 2008.

LIMA JÚNIOR, Walter Teixeira. **Jornalismo computacional em função da “Era do Big Data”**. Revista Líbero. São Paulo: Cásper Líbero, 2011.

LONGHI, Raquel e D’ANDREA, Carlos (Org.). **Jornalismo Convergente**: reflexões, apropriações, experiências. Florianópolis: Editora Insular/Jortec, 2012.

HERCULANO, Selene. Resenha: **O mapa fantasma** - como a luta de dois homens contra o cólera mudou o destino de nossas metrópoles. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-753X2010000200014&script=sci_arttext> Acesso em 10 de outubro de 2014.

JOHNSON, Steven. **The Ghost Map**. <<http://www.theghostmap.com>> Acesso em 10 de outubro de 2014.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação multimídia**. São Paulo: Publifolha, 2013.

REDE GLOBO. **Digital Emmy: Globo Amazônia e Vozes do Araguaia são indicados**. Disponível em <<http://redeglobo.globo.com/novidades/noticia/2011/02/digital-emmy-globo-amazonia-e-vozes-do-araguaia-sao-indicados.html>>. Acesso em 20 de outubro de 2014.

REDE GLOBO. **Globo Amazônia**. Disponível em: <<http://www.globoamazonia.com>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

REDE GLOBO e AQUIRIS GAME STUDIO. **Missão Bioma**. Disponível em: <<http://missao.bioma.globo.com>>. Acesso em 22 de outubro de 2014.

TED. Steven Johnson: **A guided tour of the Ghost Map**. <http://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=KvHL0dHj3RM> Acesso em 09 de outubro de 2014.

TUDORÁDIO.COM. **“Buracômetro” da BandNews FM ganha destaque em São Paulo e mapeia mais de 1020 buracos**. Disponível em <<http://tudoradio.com/noticias/verimp/8923-buracometro-da-bandnews-fm-ganha-destaque-em-sao-paulo-e-mapeia-mais-de-1020-buracos>>. Acesso em 09 de outubro de 2014.